

## Resumo da minha biografia

O meu nome é Hasmuklal e sou o terceiro filho do casal Mulchande Deuchande e Jaraubay Premchande. Os meus pais eram naturais da antiga Índia Portuguesa, mas cedo emigraram para Moçambique, onde passaram a residir na cidade de Inhambane. Nesta cidade havia uma loja comercial, que foi fundada em 1901 pelo meu avô paterno Deuchande Lauchande e que ficou famosa com o nome de “Casa Matocolo”. Na linguagem de Inhambane, em Bitonga, Matocolo significa Vitiligo, doença que se manifesta com falta de pigmentação na pele, isto é, falta da melanina, de que este meu avô sofria. Com o avançar da idade, esta falta de pigmentação atingira quase todo o corpo e por isso, em Diu, muitos também o alcunhavam de “Inglês”. Devo dizer que também eu recebi, deste meu avô, esta herança, de Vitiligo.

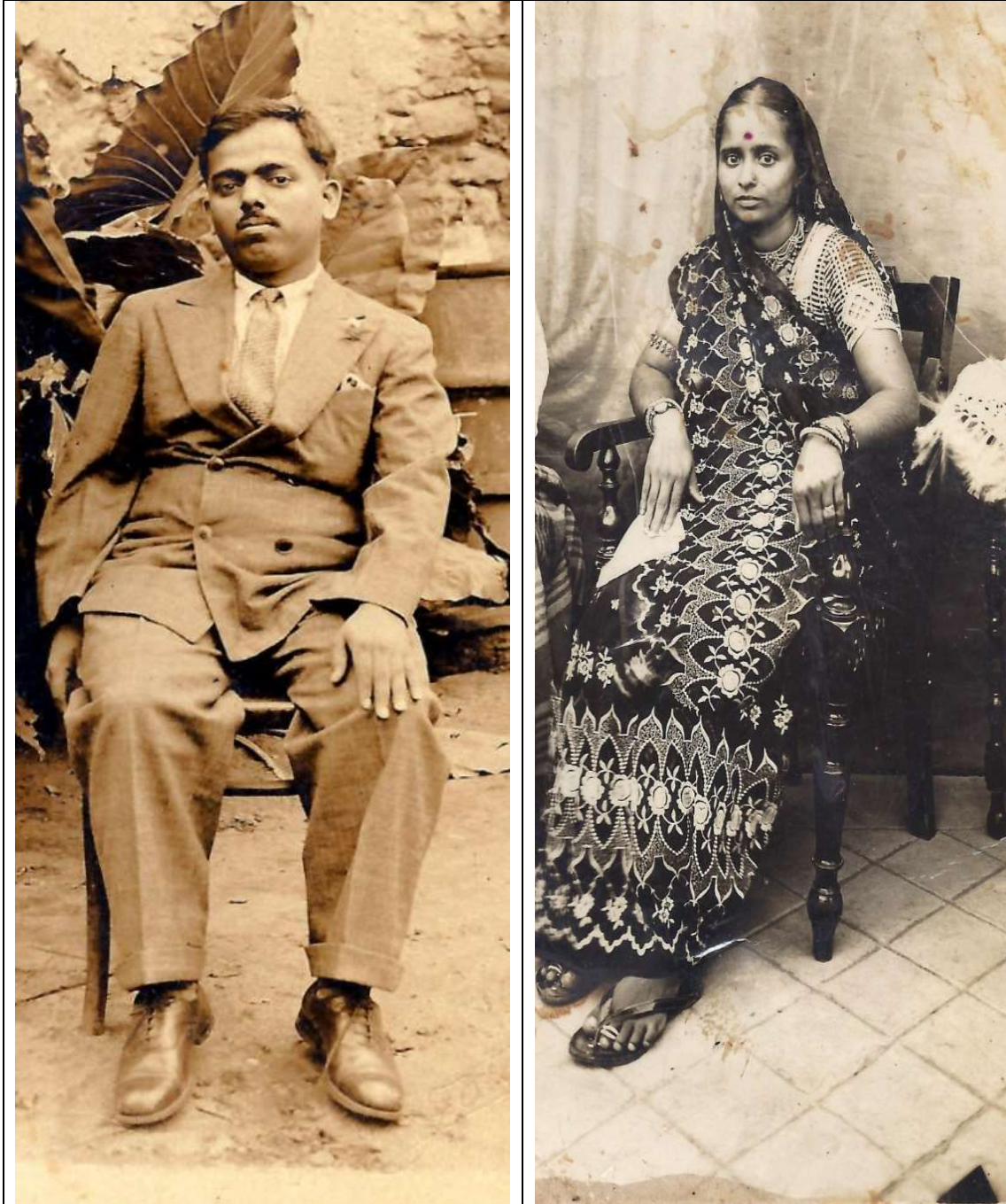


O meu Avô Deuchande (Matocolo)



Este edifício da casa Matocolo, não é o original. Foi mandado construir pelo meu pai na década dos anos 40

Os meus pais casaram-se em Diu, mas o meu Pai para Inhambane emigrou antes da minha Mãe, para ajudar o meu avô Deuchande, na sua actividade comercial.



Do nosso lado esquerdo, a foto é do meu Pai e do lado direito, da minha Mãe, ambos ainda jovens,



Em cima ,uma foto do meu Pai, quando ainda novo. Em baixo, do lado esquerdo, os meus Pais, já com alguma idade e semblante sério. Do lado direito, uma foto dos meus Pais, em que eles aparecem sorridentes.

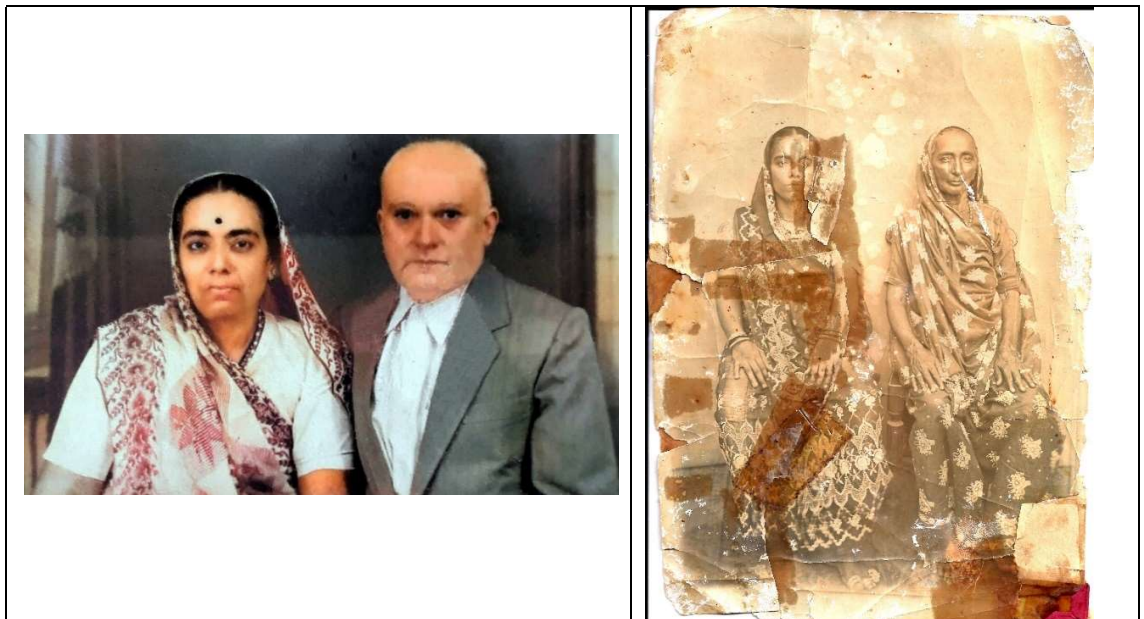


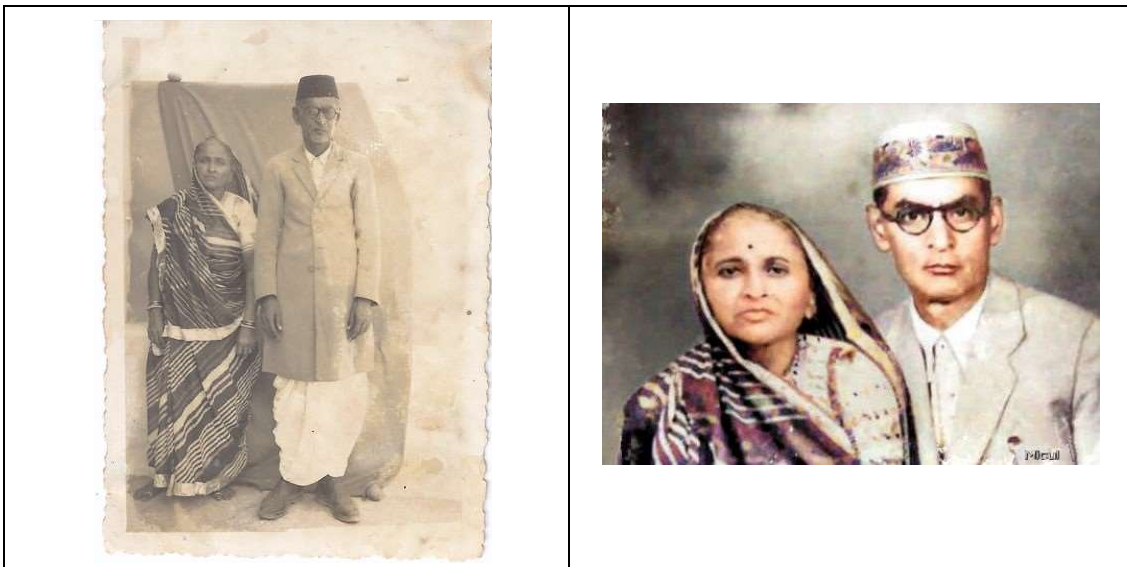
Foto de irmã do meu Pai Parsane fai e o marido dela, Ramchande fuá e a foto ao lado, antiga, parece ser de Parsan fai e Fuli fai



Foto onde se podem ver os meus Pais, o meu irmão mais velho Pranlal,, o meu irmão Jasantilal, eu, o meu irmão Champaclal e a minha irmã Pramila.

Entretanto o meu irmão mais velho, cujo nome era Pranlal e que nascera em Diu no dia 03 de Abril de 1931, ainda era muito novo, quando, na companhia da minha Mãe, também emigrou para Inhambane. A minha Mãe era filha de Premchande Deuchande e de Jekunvar bai ou seja, meus avôs maternos. Este meu avô materno, em sociedade com outros 2 irmãos, também teve uma loja em Inhambane, loja que era conhecida como Alfaiatria Jota Deuchande, pois, além do comércio geral, dedicava-se mais aos serviços de corte e costura de roupas.

As fotos seguintes são desses meus avós maternos



Nesta foto está a minha Avó materna Jekunvarbai e o meu Avô materno Premchande e ao lado, está uma outra foto desses meus avós maternos -

E foi aqui, em Inhambane, que em 03 de Outubro de 1938, nasceu o meu irmão Jassantilal e eu nasci no dia 10 de Junho de 1940, dia de Camões. Nessa altura a maior parte dos partos eram feitos no domicílio e por escassez de médicos e enfermeiros, eram assistidos por pessoas curiosas e amigas de parturientes. Isto também aconteceu a quando do meu nascimento. Inhambane era uma localidade pequena e o relacionamento das pessoas, frequentemente, era como que familiar.

Quando eu nasci, para que um recém-nascido ficasse registado na Conservatória dos Registos, eram precisas duas testemunhas e por isso, para me registar, o meu Pai, fez-se acompanhar de duas pessoas que eram familiares e que por sua vez também conheciam o senhor (senhor Max) que fazia os registos. Ficaram todos a conversar amigavelmente e no fim, o meu Pai e as testemunhas assinaram o documento.



Na primeira foto a minha Mãe está sentada com um irmão meu ao colo e eu, de pé. Na segunda foto estão os meus Pais e na terceira foto, a minha Mãe

Só quando eu tinha 7 anos de idade e o meu Pai fez a minha inscrição na Escola Primária Carvalho Araújo, é que se descobriu, que eu ficara registado só com o primeiro e único nome de Hasmuklal.

A Escola Carvalho Araújo ficava relativamente perto da nossa casa e por isso eu ia até esta minha Escola, caminhando a pé.

Antes de entrar para a primeira classe do Ensino Primário, a língua que eu mais falava era o Gujarati, sobretudo em casa, com a família e fora de casa, falava mais o Bitonga, língua da população original de Inhambane. O meu Português era deficiente.

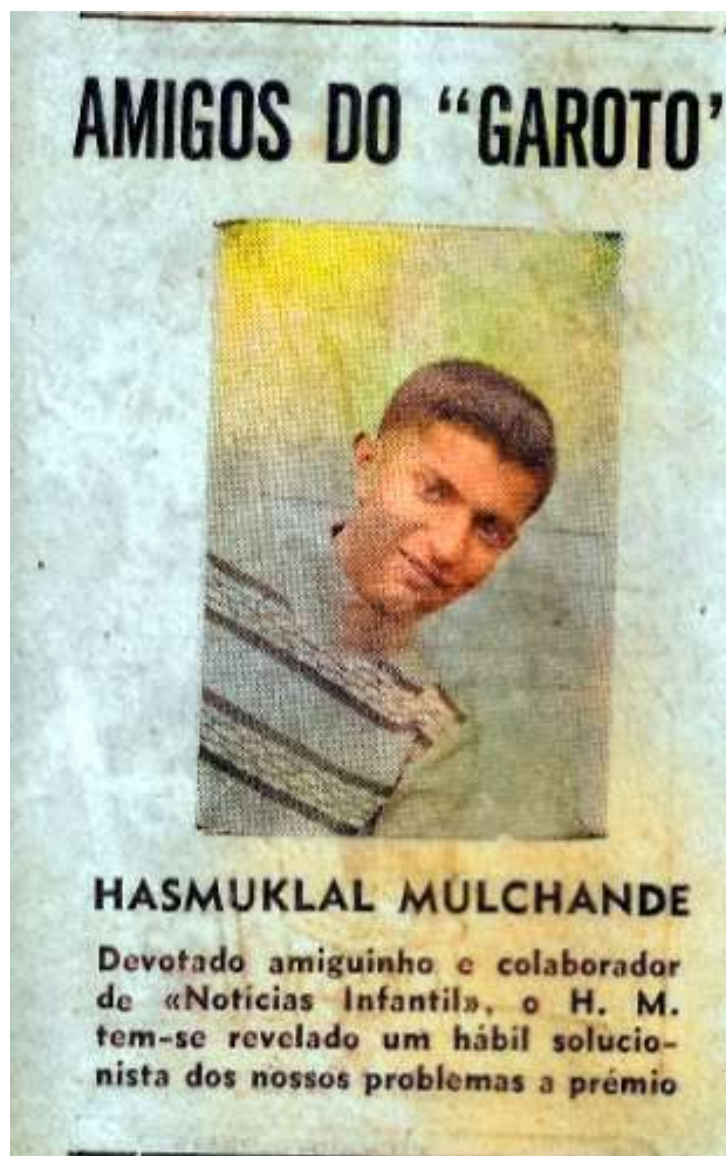
A foto seguinte foi tirada antes de eu começar a frequentar o Ensino Primário:



Nesta foto estou eu sentado ao lado da minha Mãe e no meio um irmão meu. -

Durante os 4 anos da Instrução Primária, criei amizades com vários colegas. Os pais de alguns destes colegas frequentavam o Grupo Desportivo de Inhambane, onde também eu, por vezes, passei a ir. O Desportivo de Inhambane, por sua vez, era “filiado” do Desportivo de Lourenço Marques e ambos se identificavam com a Águia no seu emblema, pois inspiravam-se no Sport Lisboa e Benfica. Por isso, desde aquele tempo da minha infância, eu passei a ser um fã e simpatizante “torcedor” deste Benfica e não só assim continuo até hoje, como mantenho este lema: nas derrotas, nos empates e nas vitórias, Benfica, sempre.

Durante a minha adolescência, ganhei o hábito, com o meu irmão mais velho, de diariamente ler jornais e o mais lido era o jornal “Notícias”, que aos fins de semana, publicava uma página infantil, não só com histórias em quadrinhos ilustrados, como o de “Tarzan”, mas também passatempos, como adivinhas ou charadas para resolver e eu passei a ser um colaborador activo desta Página e por várias vezes ganhei prémios, que na maior parte, eram livros didáticos e de cultura geral. O “Notícias Infantil” até chegou a fazer referência a esta minha colaboração, publicando uma fotografia minha, nessa época



O meu irmão mais velho, Pranlal, devia ter uns 21 anos de idade, quando para a Índia (Diu) foi, para casar. Nessa altura, as viagens faziam-se de barco, que partia de Lourenço Marques. Os barcos levavam cerca de três ou mais semanas, até chegar ao porto de Bombaim, cidade que agora é mais conhecida como Mumbai. Nessa altura havia 2 barcos bem grandes, que transportavam algumas dezenas de passageiros cada um e que faziam essas viagens. Um chamava-se Kampala e o outro, Karanja. Não me sai da memória a emoção que senti, quando o meu irmão mais velho Pranlal partiu. É que ele não foi sozinho. Foi na companhia do meu Avô materno Premchande, do meu tio materno Chandrakante e do meu primo materno Harilal Dharamcy., além de outros parentes. O meu tio Chandrakante e o meu primo Harilal, também lá foram para se casar, pois as noivas já estavam “arranjadas” e quando partiram, eu fiquei sozinho, no porto de Lourenço Marques, a acenar-lhes com as mãos e limpar as minhas lágrimas, com o meu lenço, numa altura em que eu tinha cerca de 12 anos de idade. Não foi nada fácil...



Esta foto de família foi tirada antes do casamento do meu irmão mais velho, Pratapbhai-

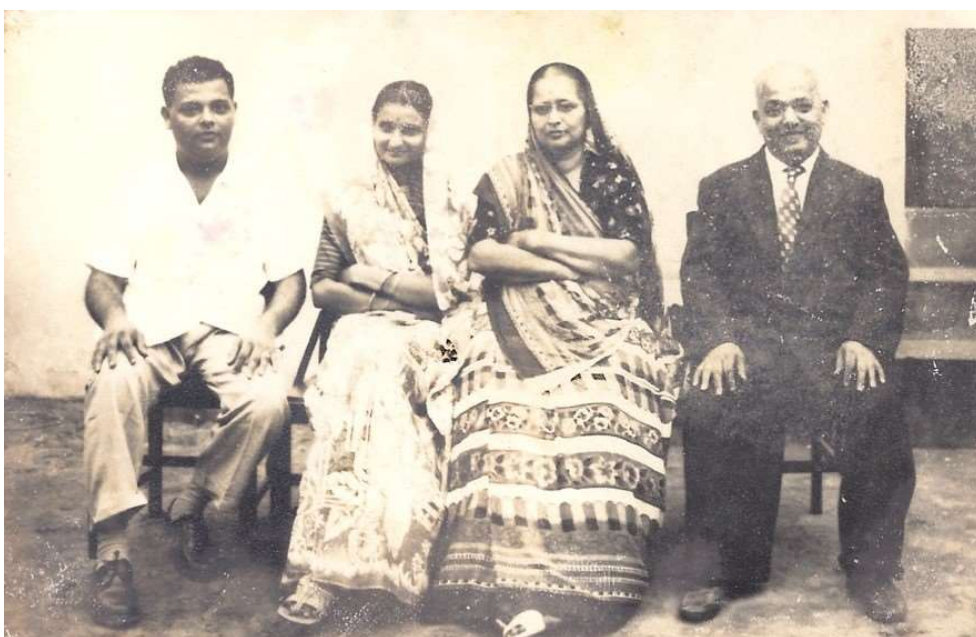


Foto tirada depois do casamento do Pratapbhai, com a minha cunhada e meus Pais



Completada a instrução primária, a minha intenção era a de seguir o Ensino Liceal, que em Inhambane, não existia oficialmente. Assim, apesar de ter ficado aprovado no exame de admissão ao Liceu e no Exame de admissão à Escola Técnica, porque para o Liceu e a Escola Técnica eu teria de ir continuar os estudos em Lourenço Marques, optou-se em eu fazer um interregno de um ano, pois, passado um ano, Inhambane iria ter o Curso Liceal. No ano do interregno, eu fiquei a ajudar os meus pais na loja Matocolo, na tal actividade comercial, atendendo clientes, pois na loja vendia-se muita coisa, tal como o vestuário, sapatos, livros, ornamentos, pequenas ferramentas, canetas e esferográficas, etc.

Após a abertura oficial do Liceu, no Colégio da Nossa Senhora da Conceição passei a ser aluno deste Colégio.



Foto tirada com os meus colegas do Colégio. Sou o último da fila de cima. –



Foto tirada na minha adolescência, com colegas da Mocidade Portuguesa.-

Durante a minha infância aprendi a língua Gujaratí, que nos era ensinada não só em casa, pelos familiares, mas também em casa de “Patrícios”, no horário noturno, (patrícios esses que viviam nas imediações da nossa casa). Também era ensinada na Associação Hindú Sarvajanique Sabhá. Devo dizer que esta Associação era um grande centro de difusão de toda a cultura Gujaratí, desde a Língua, a religião Hindú, a música e a literatura indianas e também para o convívio de Pequenos e Grandes, ou seja, crianças e adultos. Até para a diversão, havia vários tipos de jogos, como o ping-pong, o voleibol, os jogos de “Kerame”, os jogos de cartas, de “Tchopaatte”, etc, entre outros. Aqui se arranjaram grandes amizades e até o gosto pelo teatro, em língua Gujaratí.

Também adquiri o gosto pela Pintura e na minha adolescência, pintei pelo menos dois grandes cenários, que serviam para representações teatrais.



Foto tirada no Sabhá de Inhambane, num dia de Nallyari Puname, em que eu sou o terceiro, na posição de sentado, frente a um cenário de colunas, por mim pintado-



Esta foto foi tirada num Nallyari Puname de alguns anos antes, em que eu sou a única criança que aparece engravatada. O quadro tinha sido pintado por Jentil Araquechande(Gindolo)



Uma cena de um teatro, em que se vê, no fundo,,um cenário com cascata, por mim pintado.

Como nasci no Dia de Camões, talvez também por isso, muito novo eu era, quando ganhei o gosto pela Poesia. Este gosto tornou-se mais evidente quando frequentei a Faculdade de Medicina e algumas vezes escrevi versos nos panfletos que os colegas publicavam a quando das festividades académicas. Mas depois do falecimento da minha Najni, talvez por sentimentos de saudades, comecei a dedicar-me ainda mais a estas poesias e até hoje, já publiquei inúmeros poemas, com bastantes quadras, sobretudo no Facebook. Quanto à qualidade dessas poesias, só os leitores é que a podem classificar...

Inhambane era uma cidade pequena, como é, ainda hoje. É contornada pelo mar, que a abraça de tal modo, que quase a transforma em ilha, uma ilha paradisíaca, onde a vegetação era abundante, não faltando os coqueiros e as casuarinas, para não falar noutras árvores, como as mangueiras e os cajueiros e as de cana de açúcar.

A maior parte da população da cidade conhecia-se mutuamente e o clima era temperado e saudável.

Bom também era o ambiente naquele Colégio, onde, tanto no 1º ciclo dos Liceus como no 2º ciclo, passe a imodéstia, fui um aluno classificado como “distinto”. Sempre que eram publicadas as notas, eu era incluído nos “Quadros de Honra” e “Quadros de Aplicação”. No fim destes 5 anos e porque em Inhambane ainda não existia os 6º e o 7º ano dos Liceus, fui frequentar este 3º ciclo em Lourenço Marques. No fim do 3º ciclo, fiz exame de admissão à Universidade de Coimbra, para ser aluno do Curso de Medicina, objectivo que consegui alcançar.

Ainda antes de seguir para Portugal, fui chamado para ser inspeccionado, para o serviço militar, que era obrigatório cumprir. Mas, apesar de ter boa saúde e boa constituição física, mesmo depois de aprovado na inspecção, não fui chamado para o serviço militar. É que nessa altura havia uma popular movimentação clandestina, com a finalidade de pedir a independência de Moçambique e o governo português, com receio que cidadãos não “brancos” com algum estudo e cultura, aderissem a essa “revolta”, não os incluía no exército. Eu até fiquei contente, pois assim eu poderia continuar com os meus estudos, ou seja, frequentar o meu Curso de Medicina, em Coimbra.

Foi no último trimestre do ano de 1961 que eu deixei Moçambique, para ir até Coimbra e poucas semanas antes, os meus Pais, no fim de 3 décadas seguidas, tinham regressado a Diu, para um “descanso” prolongado e merecido.



Eu ainda jovem, na companhia dos meus Pais -e ao lado, os meus Pais, na companhia de 7 filhos e da então única nora e 2 netos.

No regresso a Diu, os meus Pais tinham levado na sua companhia, 4 irmãos meus (um deles era uma irmã casada recentemente e que viajou com o marido). Só esta separação familiar tinha sido emocionalmente difícil para mim, pois em Inhambane, apenas tinham ficado dois irmãos, o irmão mais velho com a respectiva esposa e os seus dois filhos e um outro irmão, cerca de 4 anos e meio mais novo que eu.

Esse meu irmão mais velho ficou a gerir a loja, ou seja, a Casa Matocolo e era mesmo ele que, nos primeiros anos, mensalmente, através do Banco Nacional Ultramarino, me enviava a quantia de mil e quinhentos escudos, para as minhas despesas. Note-se que na época actual, mil e quinhentos escudos equivalem apenas a 7 euros e meio, mas naquele tempo davam para todo o meu sustento, incluindo o pagamento de pensão onde residia e pequenas despesas extras, como a compra de livros e cadernos, o pagamento do corte de cabelo, a compra de roupas principalmente de Inverno e de agasalhos, etc.

Longe da Terra onde nascera, longe da família e dos amigos, o meu primeiro ano em Portugal Continental, foi particularmente doloroso.

Em Inhambane, eu estava habituado a ouvir o “All India Radio” e nos fins de semana, a ver filmes indianos no Teatro Manuel Rodrigues. Em Inhambane também era frequente o convívio com amigos, colegas e parentes e com muita frequência ia ao Hindú Sarvajanique Sabhá, onde muito me divertia e absorvia a cultura indiana. Esta carga emocional maior se tornou ainda, quando, em 18 de dezembro do mesmo ano de 1961 ouvíamos, pelos meios de comunicação, que Diu, Damão e Goa, tinham sido invadidos pela União Indiana. Os agentes noticiosos portugueses “pintavam” a invasão como se se tratasse de uma guerra muito acesa. Nessa época os telemóveis praticamente não existiam, as cartas demoravam semanas a chegar e eu andava muito ansioso por não saber como estaria o ambiente em Diu e telefonar para lá não era barato, nem fácil.

A pouco e pouco, lá me fui habituando à vida, concentrando-me nos estudos e criando novas amizades com colegas da Faculdade e companheiros da pensão, onde residia, ou seja, pensão da Dona Emilinha, que era uma senhora de já avançada idade. A maior parte dos meus companheiros da pensão era também de alunos de Medicina. A pensão ficava mesmo atrás da Faculdade de Farmácia, muito pertinho de uma das portas da Sé velha, numa pequena rua chamada rua do Norte. Aqui tive ocasião de aprender ou saber o que era a “Praxe Académica” de Coimbra, como a de um “caloiro” não poder sair depois das 18 horas para a rua, se não ficava sujeito à tosquia do cabelo, como me aconteceu pelo menos uma vez, mas era uma praxe sem malvadez. A maior “maldade” que vi, foi a de uma vez, um colega meu “caloiro”, beber vinho servido de uma caveira (metade de um crânio humano, verdadeiro). Isto aconteceu numa “República”. (Repúblicas eram residências de estudantes que juntos alugavam casas para viver.) Os nomes das Repúblicas eram engraçados, como a de “Galifões”, dos “Corsários das Ilhas”, do “Bota Abaixo”, de “Rapa o Tacho”, etc, etc.

Fora das horas de aulas e de estudo, em Coimbra, por ser uma cidade pequena, havia o convívio com outras pessoas, mesmo que não estudantes, como que familiar. Lembro-me que muitas vezes as empregadas da nossa pensão iam lavar a roupa ao rio Mondego, a pé, mesmo pertinho da “Baixa”, por vezes muito próximo da ponte de Santa Clara e nós, estudantes, íamos também até lá com as nossas “sebentas”, para aproveitar, no Verão, o ambiente, para estudar. Mas , a maior parte das vezes, na Primavera e no Verão, passava as manhãs, no Jardim da Sereia, para aproveitar a sombra das árvores, para os estudos, como faziam alguns colegas.

Assim, gradualmente, fui-me adaptando à vida desta cidade, muito tradicional em acontecimentos como a Queima das Fitas em Maio, as “Latadas” em Outubro/Novembro e a própria Associação Académica nos proporcionava ocasiões para assistir, por exemplo, sessões do Fado de Coimbra, cujas poesias eram típicas e atraentes.



!Nestas duas fotos, estou eu vestido de traje académico(capa e batina)e pasta com fitas amarelas de Medicina

E os anos se foram passando. Eu próprio, por motivos económicos, durante estes anos, poucas vezes fui passar férias a Inhambane, onde, após cerca de 5 anos de permanência em Diu,

os meus Pais e Irmãos já tinham regressado. De uma das vezes que eu lá fui passar férias, era eu quartanista de Medicina e calhou ser no mês de Nallyari Puname e portanto, como era de tradição, de um Teatro, nesse dia. A Direcção do Hindú Sarvajanique Sabhá pediu-me então para eu fazer um discurso em Português, pois fazia parte dos protocolos, haver discursos, que marcavam o início da sessão de Teatro.



O quartanista de Medicina, Hasmuklal Mulchande, proferindo o seu discurso



Esta notícia apareceu num jornal de Lourenço Marques.

Numa das férias seguintes, regressei a Inhambane. Foi quando o meu Pai, já mais idoso e que pouco tempo antes, contraíra a Diabetes, viu esta Diabetes a complicar-lhe a saúde, a ponto de

ficar com gangrenas nos dois pés, que tiveram de ser amputados e também com Cataratas nos olhos que o deixaram cego.

Em Inhambane não era fácil o acesso a um tratamento adequado, por falta de profissionais entendidos nestas áreas e também por falta de condições materiais no Hospital. Uma das vezes em que fui passar férias em Inhambane, foi precisamente no ano em que o meu Pai tinha sido submetido a amputação de ambos os pés e andava em cadeira de rodas. Não gosto de autoelogios, mas também não sou de modéstias falsas e devo dizer que passei muito tempo dessas férias, conversando com ele. A minha Mãe até ralhava comigo, dizendo que eu devia sair mais vezes de casa, mas o Amor que eu tinha para com o meu Pai me compensava, de tudo.

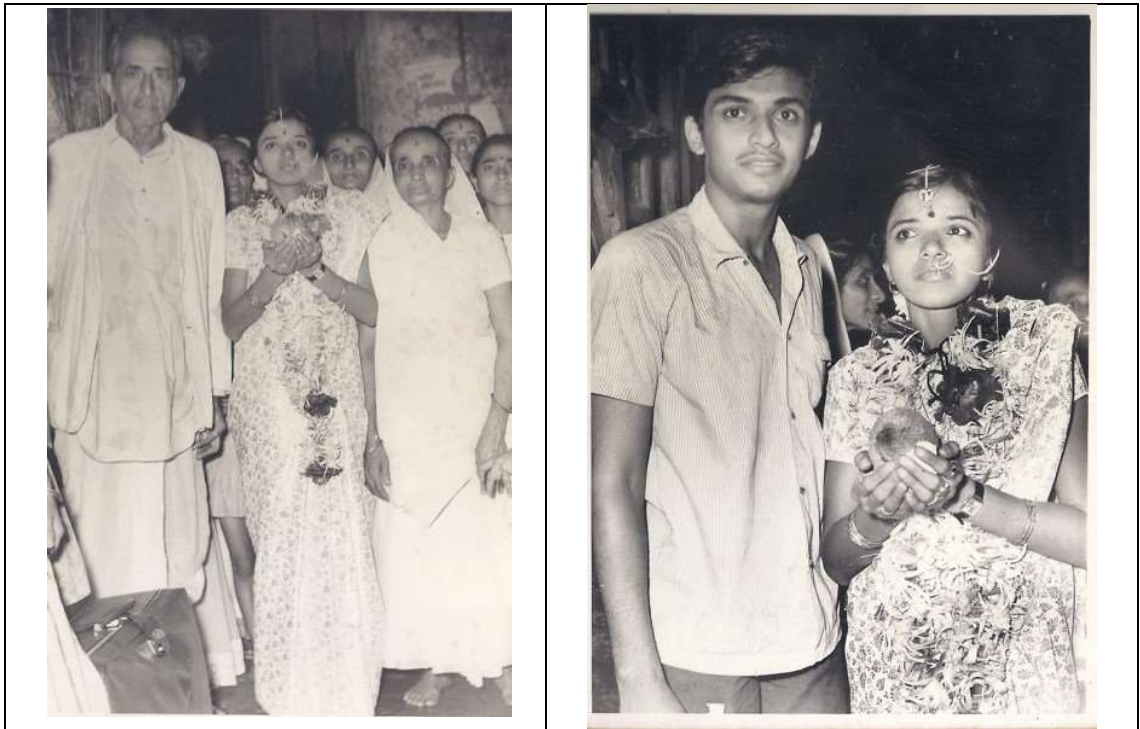
Antes de os meus Pais voltarem da Índia para Inhambane, um pouco antes deste regresso, “arranjaram” um compromisso, conforme era usual nessa época, no nosso meio, para o meu futuro casamento, com uma menina de Mumbai, chamada Najni. Dada a minha educação e o meu respeito pelos nossos ancestrais hábitos, eu não rejeitei esse compromisso e quando em 1968, me formei, em Coimbra, em Medicina, ficou decidido que eu iria para Inhambane para me casar com a Najni. Ainda antes de fazer o estágio, eu cumpri o prometido, só que a Najni, que tinha nascido em Mumbai, para conseguir a nacionalidade portuguesa teve de passar por “truques burocráticos”, que fizeram atrasar a viagem de Mumbai até Inhambane e quando ela chegou a esta cidade moçambicana, já o meu tempo de férias estava a esgotar. Por isso ela teve de se sujeitar a ficar em Inhambane até as minhas férias do ano seguinte, de 1969. Ela ficou em casa da minha única irmã Pramila cujo marido, senhor Sacarlal, meu cunhado, tinha vivido durante a infância, em Mumbai.

Do meu lado nunca será demais, agradecer aos meus Pais e familiares, a educação e o Amor com que me criaram.



Fotografia de Família, tirada antes do meu casamento.-

A Najni, por seu lado, ainda muito jovem era, quando largou todo o seu Mundo, incluindo os Pais, a família, as pessoas amigas e a própria cidade de Mumbai para casar comigo, ela, que nunca me tinha visto, nem eu a ela. Apenas tínhamos tido troca de correspondência (cartas), que, como já disse, levavam bastantes dias para chegar até nós. A minha cultura e a cultura dela eram completamente diferentes. A minha instrução, na maior parte era portuguesa, embora eu nunca tivesse desprezado a instrução indiana que, em mim, logicamente, era rudimentar. Toda a instrução da Najni era indiana, (Gujrati) e de português, nada ela sabia. Foi um choque de culturas, que só o Amor, de ambos os lados, para com nossos pais, para com a nossa educação e para com as nossas origens, nos deu capacidade para poder ultrapassar e vencer os obstáculos.



Najni entre os Pais dela, antes de partir para Moçambique -Na mesma cerimónia da partida para Moçambique, ao lado do irmão Dilip –



No dia em que de Mumbai a Najni chegou a Lourenço Marques. Na primeira foto, estou eu, a Najni, a minha Mãe e o meu irmão Jassantilal A segunda foto é igual a anterior, mas no lugar do irmão Jassantilal, está o irmão Champaclal

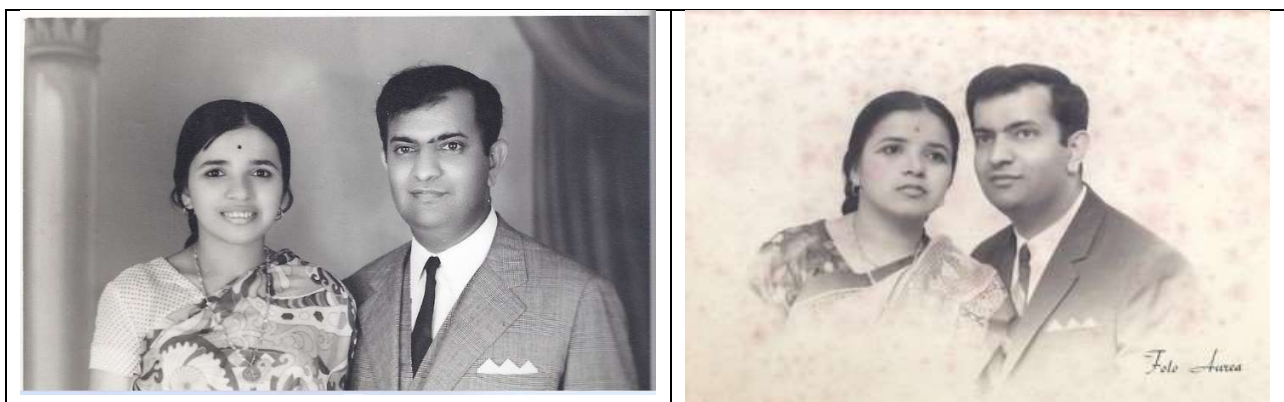




Eu e a Najni, á porta da nossa casa de Inhambane-

Conforme já afirmei, o nosso casamento ficou adiado para o ano de 1969. Realizou-se no dia 23 de Agosto, em Inhambane. No mesmo dia, ou melhor dizendo, na mesma noite, logo a seguir, também se casou o meu irmão Champaclal, 4 anos e meio mais novo que eu. O padre hindú que celebrou o casamento de ambos, foi o mesmo. Foram núpcias com muita pompa, realizadas no salão da Associação Hindú Sarvajanique Sabhá. Só porque acho “interessante” dizer, devo dizer, que um filho deste Padre, também padre hindú, foi também quem realizou as cerimónias do casamento das minhas três filhas, em Lisboa.

O meu casamento civil tinha sido feito antes, apenas burocraticamente, por procuração e toda a documentação teve de ser validada, mais tarde, numa conservatória de Lisboa.



Eu e a Najni, numa foto tirada pouco tempo depois do nosso casamento. Outra foto nossa, também tirada depois do casamento

Poucos dias depois do nosso casamento, religiosamente celebrado em Inhambane, eu e a Najni rumámos até Lisboa, onde, no Hospital de Santa Maria, eu iria fazer meu estágio e depois o internato em Medicina. Em Lisboa, passámos a viver num quarto de uma pensão e fazíamos as nossas refeições do almoço e jantar, na cantina universitária. A Najni, que crescera com hábitos de regime alimentar quase sempre vegetariano, lá se foi habituando à alimentação não vegetariana. Ainda me lembro da primeira refeição que fizemos, quando viemos de Moçambique, num restaurante de Entrecampos, relativamente perto da nossa pensão. Foi um “coelho guisado”. Imaginem o “castigo” moral que a Najni sofreu, pois ela, nunca, até esse

momento, tinha comido tal “bicho”. Nem mesmo em casa dos meus Pais se comia coelho, nem mesmo peru. Só a educação dela e o respeito que ela tinha para comigo e pela família, fizeram com que ela tivesse forças para enfrentar estas duras realidades da vida.

Eu fazia o estágio de Medicina no Hospital de Santa Maria, depois, ia buscá-la à pensão, que era perto, na avenida 5 de Outubro, mesmo frente à Feira popular e íamos almoçar na cantina universitária. Depois de voltar a trazê-la para a pensão, eu apanhava a camioneta até à Escola Nacional de Saúde Pública e Medicina Tropical, onde tinha de permanecer até cerca das 17/18 horas. Depois voltava novamente à pensão, até que, ao cair da noite, íamos novamente jantar à cantina. Imaginem a solidão por que ela passou!

Terminado estágio, que foi no ano que foi substituído pelo internato e terminado o curso de Medicina Tropical, a minha primeira intenção era voltar para Moçambique (Inhambane), onde eu queria exercer a minha profissão. Mas foi nessa altura que a guerra para a independência de Moçambique ficou mais acesa e como eu já ganhava o ordenado de médico interno, a conselho dos meus Pais e família e por intenção nossa, preferimos continuar em Portugal, pois com as notas classificativas que eu tinha, eu poderia concorrer para tirar a especialidade de Ginecologia, em Coimbra, cidade que muito cobiçada era pelos médicos internos pois era conhecido o prestígio e a fama dos Serviços de Ginecologia do Hospital da Universidade. Estes serviços eram muito procurados, mas só havia duas vagas. E eu ocupei, ou seja, tive direito, a uma delas. Este foi o começo da “reviravolta” da nossa vida.

Eu, que fizera todo o curso em Coimbra, excepto o estágio, facilmente me adaptei a esta cidade, onde alugámos uma parte de casa com cozinha, a uma pessoa já conhecida e como em Coimbra ficava tudo perto, incluindo o Hospital e a “Baixa”, para nós, ficou fácil. O acesso para as compras ou outras finalidades para qualquer lado, não era difícil. A Najni também começou a conviver com as pessoas, principalmente com a Dona da casa, que era a D. Teresa, com quem foi aprendendo a cozinhar à maneira portuguesa. A nossa vida ficou mais calma e em 4 de Agosto de 1970, nasceu o nosso primeiro filho, a quem baptizámos com o nome de Micul e que começou a ser criado em ambiente de muito carinho., pois a D. Teresa era funcionária , com o cargo de Dietista, do Hospital da Universidade de Coimbra e embora o Micul tivesse nascido no Instituto Maternal, a D. Teresa, desde que ele nasceu, lá pernoitou no primeiro dia após o parto e acompanhou a Najni, ajudando-a no tratamento e alimentação do bebé recém nascido(Micul.)Esta D. Teresa, que na altura estava separada do marido, comerciante, de nome Manuel ,tinha um filho chamado Pedro, que muitas brincadeiras ensinou a Micul , até este atingir cerca de 2 anos de idade.

Mas não há bela sem senão. Precisamente quando decorria a segunda gravidez da Najni, a Tropa resolveu reinspeccionar-me e de me incluir no exército, enviando-me para Mafra, para fazer a “Recruta”. O que vale é que nas mesmas condições que a minha, estavam alguns colegas meus e por sermos médicos, militarmente, a nossa tarefa era leve. Os nossos fins de semana começavam muito cedo. Porém, mal acabei o tempo de “recruta” fui mobilizado para Moçambique, para enfrentar a guerra e em Maio de 1972, na companhia do nosso filho Micul, eu e a Najni fomos para aquela “Província”, onde, em Inhambane, viviam meus Pais e outros familiares que nos foram muito úteis, pois deixei a Najni que estava grávida e o filho em casa dos meus Pais e eu segui para o Norte (arredores de Tete), para cumprir a minha missão. O local da missão era isolado, chamado Bene, onde ainda permaneci cerca de 2 semanas. Mas por vezes, o azar de uns, é sorte para outros: é que o colega médico que estava em Vila Coutinho adoeceu gravemente e foi pedida a minha presença para eu lá ir substituí-lo. E na verdade, o mundo é pequeno, se não, vejam que precisamente em Vila Coutinho vivia aquele meu irmão

que, em Inhambane se casou no mesmo dia que eu. Como eu já tinha alguma experiência dos serviços de Ginecologia, o comandante do exército colocado em Vila Coutinho agiu de maneira a que eu lá continuasse, ou seja, de Vila Coutinho não saísse, pois, a esposa dele tinha uma doença de foro ginecológico e eu lá continuei, como Tenente graduado e Médico e Delegado de Saúde.



Quando eu era Tenente médico graduado. -

Entretanto no dia 4 de Setembro de 1972, em Inhambane, a Najni deu à luz a uma menina, a quem batizámos de Hema.



Eu, Najni, Micul e Hema, numa foto tirada num estúdio, em Inhambane

Vila Coutinho era uma vila pequena, onde havia um Hospital, que me contratou para lá trabalhar nas horas vagas e também me atribuiu o cargo de Delegado de Saúde. Como Delegado de Saúde, tive direito a ter uma habitação, para onde, passados poucos meses, fui buscar a Najni e os filhos, que estavam em Inhambane.

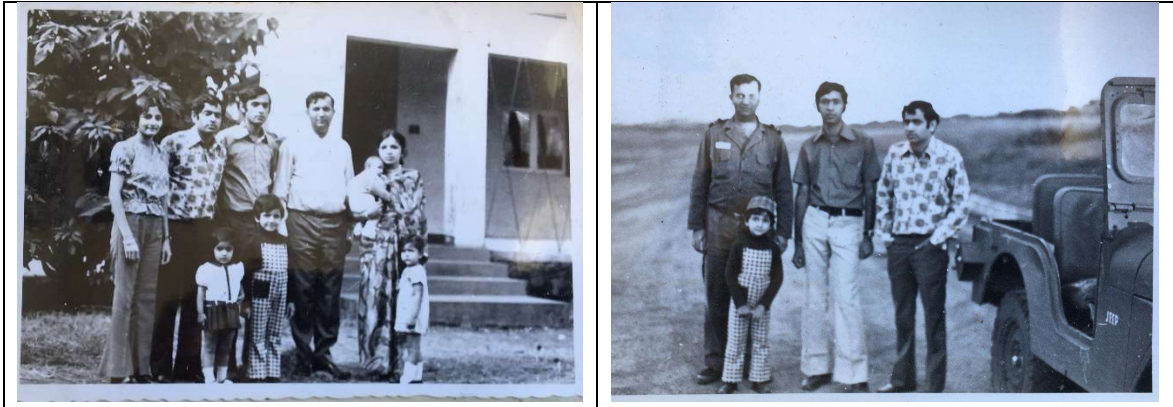


Foto tirada em vila Coutinho, nas traseiras da casa -do Delegado de Saúde, que era eu., já depois do nascimento da Sadna, que está no colo da Najni. Ao meu lado está o meu irmão Indracumar que tinha vindo a minha casa passar férias e ao lado dele está o nosso irmão Champaclal, a esposa deste Hasmukhi . Além da Sadna, as outras crianças são a Babita Champaclal e os meus filhos Micul e Hema

A segunda foto foi tirada com os irmãos Champaclal e Indracumar, nos arredores de Vila Coutinho.



Quando eu exercia as funções de médico militar em vila Coutinho, também o meu irmão mais novo, de nome Satendra lá cumpriu, por algum tempo, o serviço militar obrigatório e nesta foto eu estou entre ele e o irmão Champaclal-

É verdade que duas vezes por mês, a “Tropa” organizava campanhas de saúde para as zonas próximas ou das imediações, mas nessas saídas nunca tivemos o azar de sermos alvos de alguma “mina”. Os populares diziam até que os inimigos ou “terroristas”, precisamente porque também precisavam de um médico, não actuavam contra nós, nem punham “minas”.

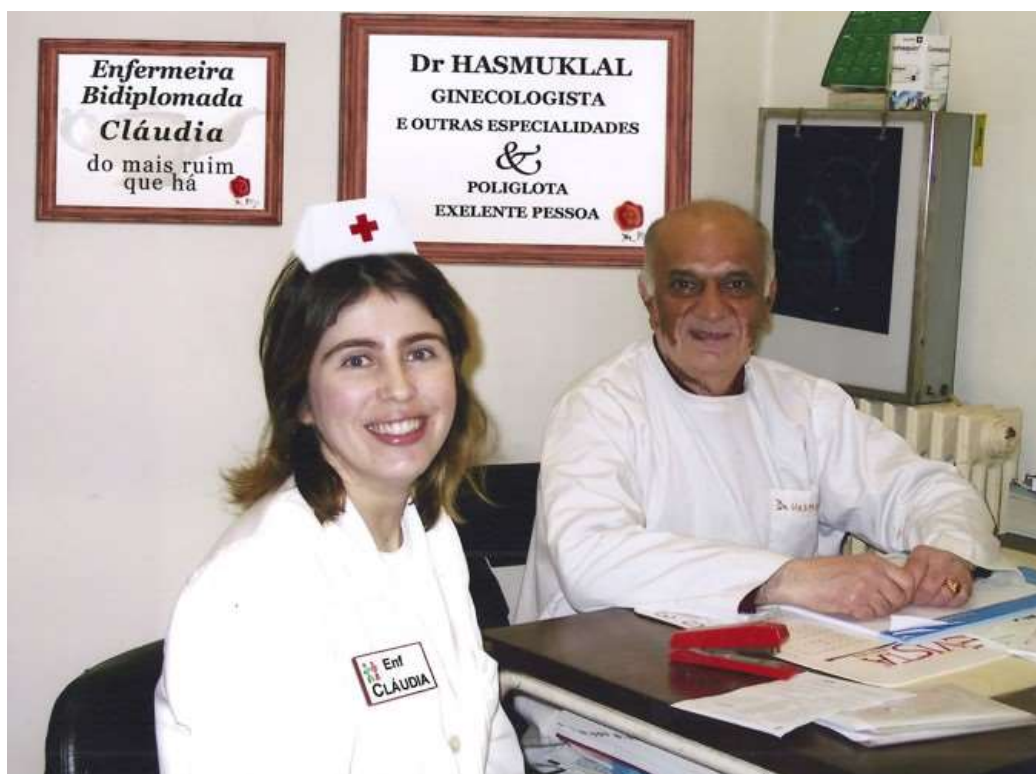
E foi neste ambiente, de relativa paz, que nasceu, em Vila Coutinho, a nossa segunda filha, nesse anexo, do Hospital, ou seja, na casa do Delegado de Saúde, em 23 de Março de 1974. Baptizámos esta filha com o nome de Sadna.

Entretanto, nesse mesmo ano de 1974, acontece o 25 de Abril e por isso e também porque na “Metrópole” havia médicos que recusavam ir para Ultramar, para a “guerra”, a minha estadia prolongou-se até o dia 25 de Novembro de 1974, dia em que eu regresso para Portugal, acompanhado da mulher e filhos. Foi mesmo neste dia que o general Spínola teve de deixar o cargo que exercia de Presidente da República e foi substituído por Marechal Costa Gomes. Vou apenas mencionar, que a data de 25 de Novembro é data de Aniversário da Najni

Quando chegámos a Lisboa, já era noite e no aeroporto militar, a confusão era enorme, mas mais uma vez Deus nos protegeu. Eu e a família chegámos bem, no dia seguinte, a Coimbra. Aqui retomei a minha carreira de Ginecologia, que concluí no Hospital da Universidade.

Depois de concluir a especialidade, fui pressionado a concorrer para preencher vagas que haviam nas outras cidades de Portugal, pois quem não aceitasse concorrer, não poderia continuar a trabalhar no Hospital. Foi por esta razão que saí do Hospital e passei a ser médico ginecologista do Hospital Militar de Coimbra e nalguns centros de saúde desta cidade, onde, à cautela, já começara a trabalhar em tempo parcial. Isto aconteceu em 1980, precisamente o ano em que, a 3 de Junho, nasceu a minha terceira filha, a “caçula” a quem demos o nome de Jalmira.

Nessa altura eu trabalhava, não só no Hospital Militar, mas também no Centro de Saúde de Celas, no Centro de Saúde de Sá da Bandeira, no Centro de Saúde de Santa Clara e no Centro de Saúde de Norton de Matos, todos de Coimbra e em todos, em tempo parcial. Era uma vida muito ocupada. A foto seguinte foi tirada no Centro de Saúde de Sá da Bandeira, em ambiente de boa disposição:



Esta foto foi tirada no Centro de Saúde de Sá da Bandeira, em que a enfermeira Cláudia está a estagiar comigo, num ambiente de boa disposição-

Por causa das colocações, alguns colegas meus, mal acabaram o Curso de Medicina, mesmo ainda antes de tirar qualquer especialidade, rumaram para outras bandas, como fez o meu colega Dr Hasmucrai Amarchande, que regressou a Moçambique, para trabalhar e quis o destino que, anos mais tarde, ele fosse sogro de dois dos meus filhos: do Micul , que casou com uma filha dele chamada Dhwinkal e da Hema, cujo marido é Pneumologista e se chama Dhiren.



Foto minha e do meu colega Hasmucrai Amarchande, de capa e batina e pasta com fitas de Medicina, quando fomos colegas na Universidade de Coimbra

Dizem que o “Mundo é pequeno” e na verdade, vejam a coincidência: é que o Dr. Hasmucrai ou seja o sogro dos meus filhos Micul e Hema, por sua vez, era genro dum primo do meu Pai e também da minha Mãe, chamado Talaquechande Panachande, que viveu muitos anos em Porto Amélia, Moçambique .A foto seguinte e dele:

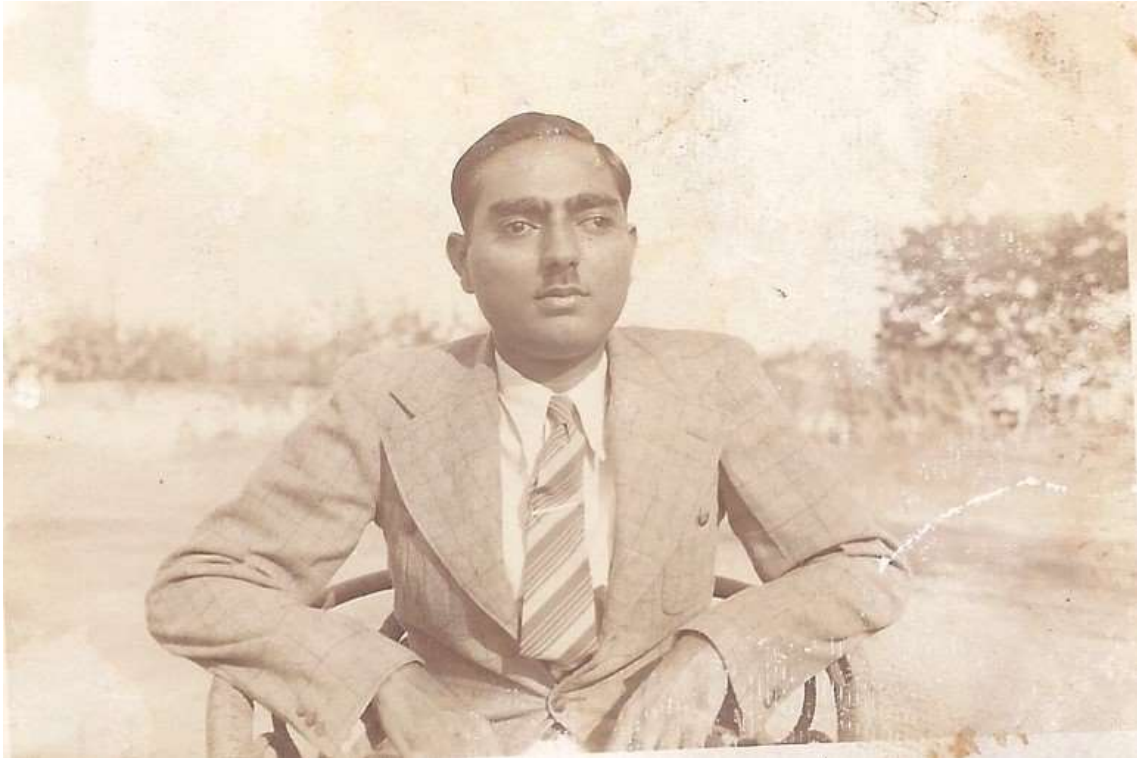


Foto do senhor Talaquechande Panachande, que era primo do meu Pai e também da minha Mãe e sogro do Dr. Hasmucrai Amarchande, que era Pai do meu genro Dr Dhirendra e da minha nora Dhwinkal

Mas o tempo e a idade não perdoam. Depois de voltar de Moçambique e porque em Vila Coutinho, eu engordara bastante, tive, em 1991, uma doença cardíaca súbita, com comprometimento das artérias coronárias e fui submetido no Hospital da Universidade de Coimbra, a “By-Pass” cardíaco. Desde então tenho estado “equilibrado” neste aspecto, pois tomo, entre outros medicamentos, anti-hipertensores, anticoagulantes e também os que evitam a subida do colesterol e triglicérides.

A minha mulher, a Najni, que antes do casamento contrairia uma Tuberculose ganglionar, também teve azar de adoecer, com uma Artrite Reumatoide, que, a pouco e pouco, foi evoluindo e piorando a saúde dela. Embora não poupássemos esforços, para a fazer melhorar, a doença dela evoluiu negativamente.

Dado o agravamento da doença dela, quando completei 36 anos de função pública, senti-me obrigado a pedir a minha reforma. Nessa altura, os filhos, já criados e casados, já viviam nos arredores de Lisboa e eu próprio, preventivamente já comprara uma casa em Santo António dos Cavaleiros. Mal me reformei, passámos a viver nesta casa, mas infelizmente apesar dos cuidados médicos e medicamentosos, a minha Najni faleceu no dia 13 de Fevereiro de 2014. Desde então, apesar da dedicação dos filhos para comigo, vivo uma vida de solitário, feita de recordações e de saudades da minha Najni, que, em vida, tinha sido uma verdadeira heroína, uma heroína que largou a sua própria família, a sua terra, as suas amigas, o seu passado saudável, para se dedicar a mim, sujeitando-se a todo o tipo de sacrifícios. Quis o destino, que ela tudo abandonasse para comigo casar. Ela que nascera e vivera na Índia, onde o clima era tropical, com temperaturas relativamente elevadas, passou a viver em Coimbra, onde as temperaturas eram bem inferiores e o clima frio. O corpo dela não teve a resistência suficiente para impedir que a Artrite Reumatoide se instalasse em força. Por tudo isso, ainda hoje, no meu subconsciente, me sinto responsável, pela curta duração que a vida dela teve.

Conforme eu já atrás afirmei, a nossa união provocara entre nós um choque de culturas, mas o Amor que nós tínhamos para com a nossa família e pelas nossas origens, também provocou o efeito do Amor e entendimento entre nós. No dia a dia de um lar, não há casa nenhuma que por vezes, não seja “ralhada”. Mas isso, em geral, acontece em pormenores de “somenos” importância. Porque naquilo que era essencial na vida, o nosso relacionamento, foi-se fortalecendo cada vez mais e cada vez mais consolidado com o nascer e crescer dos filhos.

A Najni foi sempre boa esposa, boa Mãe, e boa educadora, para os filhos. A colaboração da Najni foi fundamental para que, mesmo vivendo numa cidade como Coimbra, onde, praticamente, não havia indianos, nós pudéssemos transmitir a cultura indiana, incluindo a língua Gujaratí, aos filhos. Acho que não exagero se disser que é um motivo de orgulho para nós.



Nestas 6 fotos estou eu, a Najni e os nossos 4 filhos, quando eles ainda eram crianças. Fotos tiradas em Coimbra





Eu e a Najni, num jardim, com os filhos, já mais crescidos e eu e a Najni na foto seguinte.

Agora feito solitário, resta-me apenas recordar o meu passado e o meu passado é o tal, que começou em Inhambane, onde aprendi a língua Gujaratí, primeiro com os Pais e família e depois com certos “patrícios”. Neste campo, seria injusto, se eu não mencionasse a família Mulgy, ou seja, os irmãos Dharamcy, Jugaldás e Liladar, que, sem qualquer proveito monetário, ou outro, nas horas vagas, a maior parte das vezes nocturnas, ensinaram o Gujaratí, aos filhos dos conterrâneos. Também a Associação Hindú Sarvajanique Sabhá fez o mesmo e também a maior parte das vezes com aulas nocturnas e sacrifício de alguns membros da comunidade Hindú.

Saudades também tenho dos bons anos que passei nesta Associação, onde, sobretudo nos fins de semana, me divertia a jogar cartas, o “kerame” e o ping-pong e ouvindo e aprendendo a música indiana ao vivo.

E no “Mandir”(Igreja) do Sabhá, onde a minha Mãe até foi uma das administrativas durante bastantes anos, aprendi a conhecer melhor a nossa religião.

Também tenho saudades do tempo que passámos em Coimbra, onde, até a Najni, por amizade que algumas vizinhas lhe dedicavam, aprendeu a fazer bordados à mão e muita comida tipicamente portuguesa, como a chanfana e variada qualidade de bolos.

No que respeita a mim, saudades tenho, de quando ainda solteiro, a de jogar futebol com os colegas, de me divertir nas festas dos estudantes e do bom ambiente dos locais que frequentava.

Ainda quanto a saudades, com elas recorro, a minha feliz infância e juventude em Inhambane, os jogos de berlinde em que se batia com este nas paredes ou se cavavam pequenas covas na areia, os jogos de escondidas, já não falando no ping-pong, (ténis de mesa) e jogos de cartas. Também recorro com saudade aquela minha infância em que fui colaborador da página infantil que o jornal “Notícias” publicava aos Domingos. Nos concursos literários que este jornal de Lourenço Marques fazia, cheguei mesmo, por algumas vezes, a ganhar prémios, que eram livros de cultura geral.

Saudades também tenho, do tempo em que exerci funções militares acumuladas com funções civis, em Vila Coutinho, onde, na rua onde eu residia, havia um clube, onde passava algumas horas vagas a jogar às cartas ou ping-pong com portugueses que viviam nas imediações e com quem criara laços de amizade. Neste clube, aos fins de semana, também jogava o loto e o meu irmão Champaclal que era gerente de uma instituição bancária que lá existia, com a respetiva esposa, nos faziam companhia, a mim e à minha mulher.

Voltando a falar das saudades dos episódios vividos, quando exercia a profissão de médico ginecologista em Coimbra, recordo ainda que, durante alguns anos, aos Sábados, me deslocava, muitas vezes acompanhado da família, para fazer palestras sobre temas de Planeamento Familiar, para várias cidades da zona centro do país. Por mais de uma vez me desloquei, na minha própria viatura, até cidades como a Figueira da Foz, Viseu, Guarda, Lamego, Castelo Branco, Aveiro, etc e onde, também o Director do Centro de Saúde de Celas, na altura o Dr. Veiga Vieira, bem como alguns médicos de outras especialidades e funcionários do Centro de Saúde de Celas, marcavam presença.

Aliás, como corolário deste meu trabalho, o Estado Português me nomeou para representar o nosso País em Marrocos, em 1980, para um curso completo de Planeamento Familiar, com aulas práticas e teóricas, em Rabat, capital de Marrocos, país onde permaneci 3 semanas seguidas e onde, além de conhecer colegas de países vizinhos que também lá marcaram presença, tive ocasião de me deslocar até outras cidades, como Marraquexe e Constantinopla e até aldeias, onde contactei o povo lá residente, para melhor prática do tal curso.

Recordo-me que como médico ginecologista, a pedido de certos laboratórios de produtos farmacêuticos, fui dos primeiros, eu e alguns colegas do meu Serviço, a proceder a ensaios de algumas pílulas contraceptivas que eram fornecidas gratuitamente a doentes nossas, previamente selecionadas. O mesmo sucedeu com os dispositivos anticoncepcionais intrauterinos, os chamados Diu, que na altura eram de cobre ou de hormonas. Mesmo sem ser a ensaiar, eu não exagero, ao dizer que apliquei, ao longo da minha vida de ginecologista, mais de três mil dispositivos intrauterinos. Ainda quanto a pílulas, testemunhei alguns episódios engraçados, em que as senhoras esqueciam que a toma tinha de ser diária e engravidavam ou tinham hemorragias(metrorragias)e até sei, de um caso raro, em que, em vez de ser a própria utente da consulta a tomar, era o parceiro dela que a tomava...

Um outro acontecimento de que me estou a lembrar, foi o facto de, quando eu já estava no último ano do Curso de Medicina, Coimbra receber a visita do médico cirurgião Cristian Barnard, que na África do sul, tinha sido o primeiro no Mundo a realizar um transplante do coração. Era um médico mundialmente famoso, motivo porque eu e alguns colegas meus, aproveitando a visita dele aos edifícios da Universidade, incluindo a famosa “Torre da Cabra” ou do Relógio e ao Salão dos Doutoramentos dos Professores Catedráticos, lhe pedimos um autógrafo, que, no meu caso, ficou registado, na larga fita amarela de quintanista, da minha pasta universitária e para surpresa minha e dos meus colegas, no dia seguinte, a então famosa revista Flama, publicou este acontecimento, pondo, na própria capa da revista, a fotografia do nosso encontro com o Dr, Barnard



Capa da revista Flama onde eu apareço, na companhia de alguns colegas, junto do Dr. Barnard

Eu poderia continuar a exercer as minhas funções de médico ginecologista do Estado Português, até os meus 70 anos de idade, mas, infelizmente, a evolução negativa da patologia da minha esposa, me “obrigou” a pedir a reforma, quando atingi os meus 65 anos de idade. Profissionalmente, não foi fácil largar Coimbra, onde eu tinha um consultório privado na zona de Celas e por vezes, por insistência das minhas doentes, eu e a minha mulher, que era a minha ajudante no consultório, nos víamos “obrigados” a deslocar até lá. Mas a doença dela foi-se agravando e tive mesmo de suspender toda a minha actividade de ginecologista.

Hoje, sendo um octogenário, vivo apenas com o ordenado da minha reforma e como se sabe, “a idade não perdoa”. Com o decorrer dos anos e com a velhice, também a minha própria saúde se vai deteriorando. Neste mundo, a percentagem de pessoas que celebram o seu próprio centenário ou centésimo aniversário, ainda é pequena. E eu tenho a noção desta realidade. Ainda que com “altos” e “baixos”, não me arrependo da vida que vivi, até agora.

Quando eu partir deste Mundo, levarei comigo, a consolação de ter nascido no seio de uma família maravilhosa, de ter tido um Pai e uma Mãe de quem muito orgulho sinto e que me criaram com amor e carinho e de ter sido irmão de pessoas bem-educadas e amigas.

Os meus pais eram pessoas humildes, mas ricas em qualidades e reconheço o sacrifício e o empenho que tiveram para que os filhos fossem felizes. Muito sangue, suor e lágrimas gastaram para eu chegar, onde cheguei, na vida.

Foi seguindo o exemplo deles, que eu e a minha mulher criámos os nossos filhos, ensinámos a estes o que com eles aprendemos: A respeitar as origens, a religião Hindú, a nossa língua materna (gujarati), as nossas tradições, o orgulho por toda a nossa cultura. É por isso que digo com prazer, que os 4 filhos que tivemos, todos eles são bons filhos e sempre amigos dos Pais.

Já que estou a falar, ou melhor, a escrever sobre os filhos, informo, para quem não os conhece, que eu e a Najni fomos pais de 4 filhos e que a diferença de idades entre o mais velho, único de sexo masculino e a mais nova, é de cerca de 10 anos. Até atingirem a idade adulta e se casarem, todos eles viveram connosco, em agradável convívio familiar e todos eles, graças a Deus, tiraram um curso universitário superior, em Coimbra.

O filho mais velho, a quem baptizámos com o nome de Micul, licenciou-se em Farmácia e é casado com uma senhora chamada Dhwinkal e presentemente é pai de 2 filhos (um casal, uma filha que se chama Urvi e que é mais velha que o irmão, que se chama Mehul.) Das 3 filhas que tivemos, a mais velha licenciou-se em Medicina, com a especialidade de médica de família. Demos-lhe o nome de Hema. O marido desta também é médico, com a especialidade de Pneumologia. A Hema é mãe de duas filhas, da Kheá e da Hetal. A segunda filha nossa, tirou o curso de Direito e actualmente exerce funções de advogada. Ela chama-se Sadna. O marido da Sadna dedica-se ao ramo do Comércio e chama-se Dinesh. A Sadna é mãe de 3 filhos (um rapaz e duas meninas. O rapaz é o filho mais velho e tem o nome de Neel e as irmãs dele chamam-se Mayá e Vinita) A nossa filha mais nova, fez, como o irmão, licenciatura em Farmácia e também fez o Doutoramento e está ligada à Indústria Farmacêutica. Esta chama-se Jalmira e casou com um engenheiro civil, cujo nome é Febin. A Jalmira também tem 2 filhos, um rapaz e uma menina, o rapaz chama-se Jhit e a menina tem o nome de Nehá.

Todos os nossos 4 filhos estão relativamente bem na vida e quando novos, como estudantes, traziam boas notas e nunca reprovaram. Acrescento ainda que dos nove netos que

tenho, todos eles são muito bons estudantes, de notas ou classificações relativamente altas e que até hoje, nenhum deles, a mim ou aos meus filhos, nos deram o desgosto de reprovar em qualquer disciplina ou de ano escolar.

Ao longo da minha vida, vivi alguns acontecimentos invulgares, como por exemplo, o de eu gostar de animais domésticos. Ainda quando frequentava a instrução primária, “obriguei” os meus pais a aceitar, por parte de pessoas deles amigas, um cão de cor branca, pequeno, peludo, ao qual me comecei a dedicar e logo no segundo dia, quis para ele construir uma “casota” com tijolos e pedras que tínhamos no quintal da casa. Só que, no 3º dia, ao testar a solidez da tal “casota”, subi para cima dela e caí, fraturando um osso da mão esquerda e a verdade é que logo no dia seguinte a esta queda, o cão “desapareceu” da casa, embora eu desconfiasse que os meus Pais acharam melhor “devolver” a oferta e eu tive de curar a fractura com ligaduras e “ralhetes” bem justificados.

Um outro episódio engraçado aconteceu numa das primeiras viagens que fiz, já depois do casamento, com a Najni e os primeiros 2 filhos, até a Índia. Em Mumbai (Bombaim) estive hospedado em casa dos meus sogros, onde, como em muitas casas de indianos, as pessoas tinham o hábito de descalçar os sapatos, à entrada para dentro da casa. Certo dia, tínhamos uma viagem de avião marcada para Diu e tínhamos de sair de madrugada. Antes de amanhecer, com a “pressa” e antes de apanhar o táxi para o aeroporto, na escuridão, calcei os sapatos e só quando chegámos ao aeroporto é que vi, que tinha, num dos pés, o meu sapato, mas no outro pé, tinha calçado um sapato do filho mais velho do meu cunhado, que calçava o mesmo número que eu. Só eu é que sei a vergonha que senti. Ao chegar a Diu, uma das primeiras coisas que fiz, foi ir até uma loja e comprar sapatos novos...

Poucas vezes viajei até Diu, mas uma das vezes, foi quando, na década de 70, nós, os irmãos residentes em Portugal e também a minha irmã Pramila, que vivia em Inhambane, nos reunimos em Diu, para lá fazer o “Saptá” ou seja uma cerimónia religiosa, para a paz de espírito dos nossos Pais. A foto em que eu apareço com “Pagddí” (chapéu típico), foi tirada nessa altura. Foi pouco tempo depois de eu ter sido operado por “By-pass”, ao coração, por insuficiência das artérias coronárias.



Fotografia tirada em Diu, com a Najni e eu, quando lá fomos fazer o “Saptá”



Esta foto foi tirada em Mumbai. A Najni está ao lado de uma irmã dela chamada Gunvanti, que está com uma filha nossa ao colo. Na foto também se vê a Mãe da Najni, acompanhada de algumas senhoras e crianças, entre as quais, filhos nossos.

Uma outra vez em que lá estivemos, também lá esteve a minha irmã e o meu cunhado, marido dela e a foto seguinte é uma recordação desse encontro. Na foto também aparece a minha filha mais nova, a Jalmira.



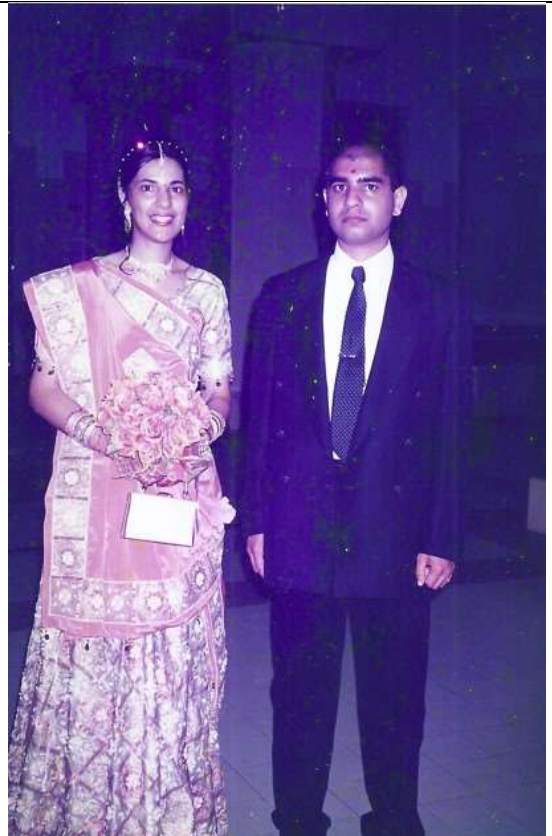
Na foto de cima estou eu, a Najni, A minha irmã Pramila, o meu cunhado snr Sacarlal e a Jalmira,. Foto tirada na Índia, para onde , também a minha irmã e cunhado tinham viajado. Na foto de baixo estou eu, a Najni e os nossos 4 filhos. Foi tirada em Diu.



Fotos tiradas no famoso jardim de "Bootghar" de Mumbai, em que estou eu, a Najni e os nossos 4 filhos.

Ainda um episódio passado nesta minha vida e de que me lembro, aconteceu em Coimbra: na manhã de um Sábado fui alertado por um vizinho que o meu automóvel, que eu tinha estacionado no dia anterior, na nossa rua Nicolau Chanterenne, perto da entrada da nossa habitação, estava muito danificado, na parte traseira. Quem provocou o acidente, tinha batido com o carro dele no meu e tinha fugido. Isto aconteceu na noite de Sexta para Sábado. Aos Sábados, todas as oficinas, em Coimbra, para reparação, ficavam fechadas, excepto uma, onde eu entreguei o meu, para arranjo. Por sorte ou graças a Deus, a pessoa que danificou o meu, também lá foi entregar o dele, para conserto e foi assim que se descobriu o provocador do acidente, que teve de pagar as despesas

Mais atrás, quando escrevi sobre os meus filhos, resumidamente expliquei que são 4 e falei sobre os estudos e a profissão de cada um deles. Vou apenas acrescentar que os 4 filhos, sem excepção, foram sempre bons amigos dos pais e sempre dedicados à família. Todos eles têm qualidades que, para mim, são um motivo de orgulho e dada a solidez que tiveram na formação, fé tenho eu que assim continuarão sempre.



ng  
Na primeira foto de cima está o meu filho Micul e a esposa dele , Dhwinkal. Na segunda foto de cima, está a minha filha Hema. Com o marido. Dr Dhiren. Na primeira foto de baixo, está a minha filha Sadna , com o marido, snr Dinesh e na última fot, está a minha filha Jalmira, com o marido, Eng. Febin





No dia em que completei 83 anos de vida, os meus 4 filhos, com os respectivos pares, num jardim, nos arredores de Lisboa.



Nesta foto estão todos os meus 9 netos, durante um almoço, em minha casa.

Falando nos outros familiares mais próximos, além dos meus Pais, que para mim, nesta vida terrena, representavam como que Deus feito ou transformado em dois seres humanos admiráveis, seria injusto não fazer referência aos irmãos. Os meus Pais tiveram 9 filhos, dois dos quais faleceram ainda na infância, porque, as doenças que lhes causaram a morte, nessa altura, eram difíceis de curar. Uma irmã, de nome Shakuntalá, que nascera cerca de 3 anos depois de mim, faleceu por tosse convulsa e um irmão chamado Krisnucumar, que nascera cerca de 6 anos

depois de mim, faleceu como a irmã, também muito novo, em Inhambane, após contrair uma forma grave de Paludismo.

Dos restantes 7, outros 3 faleceram já depois de adultos. O meu irmão mais velho, que nascera em 1931, faleceu com cerca de 70 anos de idade e ao longo da sua vida houve ocasiões, em que ele assumiu, no que me diz respeito, a responsabilidade de verdadeiro ente superior, desempenhando funções, para mim, como de um verdadeiro "Pai". Este irmão chamava-se Pranlal, ainda que fosse conhecido como Pratapbhai. A viúva, que, presentemente tem dificuldades de se movimentar, felizmente ainda é viva e chama-se Nirmalá.

Um outro irmão, também mais velho que eu, pois nascera cerca de 1 ano e 8 meses antes de mim e infelizmente também já falecido, acompanhou a minha fase de crescimento, ou seja, a minha infância e adolescência. Este tinha uma personalidade recheada de coragem e espírito aventureiro. Por isso, ainda ele era adolescente, quando deixou Inhambane para ir para Quelimane, para, nos arredores desta cidade, trabalhar nos ramos do comércio. Ainda lá esteve alguns anos. O nome deste irmão é Jasantilal, que, em 1961, viajou com os nossos Pais e mais familiares até Diu, onde conheceu a sua futura esposa, ou seja, a minha cunhada com quem se casou. Alguns anos mais tarde, este meu irmão foi dono de uma pequena loja comercial em Inhambane, de onde, por motivos fúteis, o governo de Samora Machel o expulsou de Moçambique para Portugal, sem direito, nem para com ele trazer bagagem. Ainda antes da expulsão, foi mantido em prisão preventiva, em Inhambane, durante bastantes dias. Este meu irmão era pai de 7 filhos, mas em Portugal conseguiu superar as dificuldades, até falecer, por súbito ataque cardíaco, em 2020. A viúva, ou seja, a minha cunhada, chama-se Tarulatá (Bhabhi) e tem cerca de 3 anos de idade a menos, que o meu irmão.

Outro irmão que faleceu já adulto, chamava-se Indracumar, um irmão inteligente e que, após completar o curso Comercial, na Escola Técnica, tinha sido, em Moçambique um bom funcionário bancário. Mas, devido à "Guerra do Ultramar", ele teve de ser incorporado na tropa e foi colocado no Norte de Moçambique, numa zona de guerra tão acesa, que fez com que ele contraísse uma doença mental, que largamente contribuiu para a sua morte. Devido ao seu estado de saúde, este meu irmão nunca se casou e faleceu ainda solteiro.

Dos 9 irmãos que éramos, presentemente, vivos, só restámos 4: além de mim, viva ainda é essa única irmã minha, que é cerca de 16 meses mais nova que eu e cujo o nome é Pramila. Esta irmã foi sempre uma dedicada filha dos meus Pais e para nós, os irmãos, uma boa irmã. Foi esta irmã que logo após o seu casamento, viajou acompanhada do marido, que se chamava Sacarlal, juntamente com os meus Pais e 3 irmãos, até Diu, em 1961. Ela teve 5 filhos, dois dos quais são gémeos. Quando era ainda relativamente nova na idade, ficou viúva, mas lutou contra todos os contratemplos e conseguiu que todos os filhos concluíssem um curso superior. Outro azar que ela teve na vida, foi que o filho mais velho também falecesse, como aconteceu com o Pai, também novo na idade, ainda que depois de ter casado e ter filhos.

Dos meus restantes mais dois irmãos vivos, um que conforme já referi é cerca de 4 anos e meio mais novo que eu, recordo-vos, que tem o nome de Champaclal e que depois de terminar o curso Comercial na Escola Técnica, se tornou um brilhante funcionário bancário. Este meu irmão é aquele que religiosamente casou no mesmo dia que eu. A esposa, ou seja, a minha cunhada, chama-se Hasmukhi. Eles são pais de 3 filhas e este meu irmão também já está reformado. Muito novo ele se ligou à cultura e à música indiana, tendo sido até um dos fundadores do conjunto musical "Stars" e desde há bastantes anos que, em Lisboa, aos domingos, dá um programa sobre a cultura e a música indiana, na Rádio Orbital. Este programa

é muito apreciado sobretudo pelos gujaratís e tem um nome de “Swagatame”. As filhas deste meu irmão, por sua vez, também já constituíram família e têm, também, uma vida estabilizada.

Por último, vou recordar, dos vivos, o nome do meu irmão mais novo: chama-se Satendra. Conforme também já atrás referi, ele é cerca de 11 anos e meio mais novo do que eu. Esse meu irmão também tirou o curso comercial e também foi funcionário bancário distinto, tendo-se reformado na devida idade. A esposa chama-se Malti e eles tiveram 2 filhos, actualmente já casados e pais de filhos e também bem “lançados”, na vida.

Logo no início da descrição deste resumo da minha biografia, eu escrevi que o registo do meu nome na Conservatória dos registos de Inhambane tinha sido feito na presença de testemunhas, perante o senhor Max, que cumpriu esse dever, Este senhor Max também sofria de Vitíligo e amigos dele, em tom de brincadeira, por vezes, também lhe chamavam “Matocolo”. Só que, uma pequena distração, fez com que eu ficasse registado apenas com um nome. Como todos se conheciam uns aos outros, ficaram a conversar, em amena cavaqueira e no fim, todos assinaram o documento e saíram, sem completar o meu nome com os apelidos. Pois distração ou confusão semelhante aconteceu também com outros hindús, nascidos na Província de Moçambique. E este erro contribuiu para que, quem só tivesse um nome, não conseguisse que lhe fosse passado o certificado de vacinação contra o Covid-19. Isto foi tão evidente durante a Pandemia, que até a TVI resolveu ter uma entrevista comigo, fazendo deslocar para minha casa a repórter D. Luísa Alagoa, que veio acompanhada com a sua equipa. Esta entrevista, penso eu, muito contribuiu, para desfazer dúvidas burocráticas. Para complementar a conversa, a TVI também ouviu a opinião do Dr. Kiran H. Parmanande, médico cardiologista da nossa comunidade, que na altura residia nos Açores, mas que tinha sido vítima, no local onde nascera, dos mesmos erros, que aconteceram comigo.

As 5 fotos que se seguem, fazem parte da tal entrevista comigo tida, em minha casa de Santo António dos Cavaleiros, pela equipa da TVI, chefiada pela D, Luísa Alagoa, durante a Pandemia, provocada por Covid- 19







E assim termino o relato resumido da minha vida e de alguns episódios por mim vividos e que resolvi publicar, a pedido da Comunidade Vanza-Darjis de Londres, a quem agradeço este pedido, na pessoa do Sr Paresh Amarchande, que esta biografia me solicitou.

Só tenho pena de não ter podido mostrar muitas fotografias tiradas durante a minha infância, em Inhambane, pois estas tinham ficado em casa dos meus Pais, mas, após a minha saída da Terra da Boa Gente e falecimento deles, perdi a “pista” delas.

Muito obrigado pela vossa paciência e pelo tempo que gastaram para a leitura.

Hasmuklal Mulchande.